



RONALDO  
WERNECK

# cataguases

século XX  
antes &  
depois



*Outras Grafias*



Copyright © 2021 Ronaldo Werneck & Poemação Produções  
Copyright © 2021 desta edição Editora Tipografia Musical (E T M)  
Todos os direitos reservados. *All rights reserved.*

**Editora Tipografia Musical**

**Editores:** Bruno D' Abruzzo & Roberto Votta

**Preparação e revisão de textos:** Bruno D' Abruzzo & Antônio Jaime Soares

**Projeto Gráfico:** Ronaldo Werneck

**Diagramação e tratamento das fotos:** Sabrina Venturini

**Capa:** Marcelo Lopes ads

**Fotos da capa:** Gilber Pinheiro/CTAv/SAv e Acervo Família Francisco Inácio Peixoto

**Elaboração do Projeto e Produção Executiva:** Patrícia Barbosa

**Primeira edição:** julho de 2021

Partes deste livro poderão ser reproduzidas com a prévia autorização por escrito da Editora e nos limites previstos pelas leis de proteção aos direitos de autor e outras aplicáveis. Além de gerar sanções civis, a violação dos direitos autorais caracteriza crime. Mantenha viva a cadeia do livro: não tire cópias, compre livros.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Werneck, Ronaldo  
Cataguases século XX antes & depois / Ronaldo  
Werneck. -- 1. ed. -- São Paulo : Editora Tipografia  
Musical, 2021.

ISBN 978-65-87867-09-0

1. Cataguases (MG) - História 2. História do  
Brasil I. Título.

21-69305

CDD-981.51

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Minas Gerais : História 981.51

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORA TIPOGRAFIA MUSICAL  
Rua Silva Bueno, 2379 / 63  
São Paulo-SP | CEP 04208-053  
[+55 11] 4306-2080  
editora@tipografiamusical.com.br  
www.tipografiamusical.com.br

# FORTUNA CRÍTICA

(livros de poemas)

1976-2020

Ronaldo Werneck

## *selva selvaggia/ 1976*

Trechos do que se disse

*Selva Selvaggia* é um livro medroso, doído, pasmo, de um homem na casa dos trinta, que teve como guias uma porção de Virgílios, nos 13 anos de uma caminhada *au tour de soi même*. Ronaldo Werneck atravessou a aridez experimentalista do concretismo e do poema-processo, mas acabou redescobrendo os santos óleos de Rosário Fusco e reassumiu seu sensualismo essencial. *Disjecta membra* rearrumáveis em diversas formas, sem perda da essencial coerência humana. De agora em diante, Ronaldo Werneck é um poeta que relerei. Porque amamos as mesmas coisas e gentes e outras ele me faz amar através de seus poemas. Prazer que positivamente eu não dispense.

**Francisco Marcelo Cabral**

*Suplemento Literário Minas Gerais /BH, 21/08/76*

Ao mesmo tempo aparece a ideologia da inovação, que já se tornou na cultura ocidental mais uma das sua tradições. O mesmo sistema aparece no livro extremamente bem cuidado de Ronaldo Werneck, *Selva Selvaggia*. O livro se define como cine-poema e o trabalho mescla os

processos usuais. Entretanto, tenho a impressão de que a poesia visual encontrou sua chave de ouro.

**Wilson Coutinho**

Jornal *Opinião*, Rio, 1976

Está nas livrarias mais um belo livro de poesias: *Selva Selvaggia*, de Ronaldo Werneck, um poeta, acima de tudo, contemporâneo, uma sensibilidade afinada com o seu tempo. O livro, que o poeta chama de Cine-Poema, atribuindo-se o "roteiro e direção", revela não só a convivência do autor com os variados experimentalismos poéticos que assolaram nossas letras nos últimos anos, mas também, e principalmente, uma experiência aguda e atenta do que também significou simplesmente estar vivo nestes últimos anos. Werneck é um poeta cujo amor pela palavra contamina o leitor. Recomendo.

**Luiz Carlos Maciel**

*Folha de São Paulo*, 17.12.76

Poemas discursivos para-concretos e poemas gráfico-visuais (entre os quais, alguns poemas/processo). O livro é apresentado como um cine-poema, dividido em 10 sequências, sendo que o argumento foi "extraído de fatos vivenciados pelo poeta no eixo minas-bahia-rio, entre 1962 e 1975, e de outros lidos, vistos, consumidos: pelo telstar, pela tv, pelo cinematógrafo, sem ordem cronológica". Os melhores momentos são visuais: *himeneu*, *libertarde* e *mass media*. Mas há alguns bons momentos para-concretos como *tropegal canto para gal costa*. Recomendamos.

**Moacy Cirne**

*Revista de Cultura Vozes n.º 6, Rio, 1976*

A originalidade de RW está no tom irreverente, na pontuação satírica e no estranhamento lírico, entre mordaz e cómico. Quase uma sátira menipeia em que se destacassem tonalidades românticas e eróticas. Poesia culta, *Selva Selvaggia* a cada abertura de capítulo apoia-se num módulo informativo, como se fora um mote. Cada Sequência corresponderia a um Canto, unidade ideológica duma epopeia. (...) *Selva Selvaggia* é mais que o poema de todos os ritmos. Inclui a herança do experimentalismo dos anos 60. Traz a sedução da rebeldia.”

**Fábio Lucas**

*Revista Colóquio Letras n.º 43, Lisboa, maio de 1978*

## *pomba poema/ 1977*

Trechos do que se disse

O poeta se aventura nesta saga/de arte-vida, de outros risos-mares. Com verbo fino, raro, re-diz/mira, desvenda ou veda na espuma/de um tempo nunca dantes velejado./Sua música tece o apuro de sons/limpos, cortes sibilinos para/olhos ágeis, a mão armando/um leque de metáforas: meta./*Riverrur*. um filme ou barco/ que se toma em qualquer ponto/e desse porto é círculo a leitura, quieta.

**Joaquim Branco**

*Cataguases, 1977*

Em *Pomba Poema* Ronaldo Werneck conseguiu manter-se simples, driblou as ênfases, mostrou-nos o pitoresco da cidade natal, sem explorar demais o pitoresco. Sem contaminar seu livro de lirismos aquosos, RW deixa “as águas rolar” com a segurança de quem sabe o que faz, de quem é bom barqueiro, de quem conhece o rio Pomba — que é como a trilha sonora do canto.

**Manuel das Neves**

*Cataguases, 1977*

Articulando confidências da memória do poeta e da memória coletiva, você, como os velhos políticos mineiros, inaugurou uma obra já pronta: Cataguases! Minas tem sido isto: a arte de inaugurar coisas já feitas. Cataguases, para você, foi um "object trouvé". Você a rebarbarizou, devolveu-a à consciência cultural do país.

**Fábio Lucas**

*Carta de São Paulo, 31.07.77*

Integrado com os movimentos da vanguarda contemporânea, Werneck não hesita em se voltar para o aproveitamento das técnicas gráfico-visuais que tantos outros têm usado de forma inexpressiva. Por mais que tenha assimilado recursos da poesia concreta e do poema-processo, o que ele valoriza e fortalece mesmo é a palavra. *Pomba Poema* traz uma atmosfera poética carregada de emoções. Como tantos poetas contemporâneos, Werneck procura uma saída para a palavra que considera cansada de mutilações.

**Carlos Augusto Corrêa,**

*Jornal do Brasil, 01. 10.77*

Como se estivesse filmando sua cidade, o autor faz tomadas verbais dignas de um grande cineasta com suas câmeras. Sua desenvoltura, sabendo fazer uso da palavra, faz-nos ver Cataguases com seu povo e suas ruas num mundo entre o útero e o átomo. Entre a luz e a sombra, entre o mar e a montanha, Werneck compôs sua epopeia a Cataguases interrogando e questionando toda uma existência na qual o sabor da maçã não é tão revelador quanto o aroma que exala.

**Hugo Pontes,**

*Suplemento Literário Minas Gerais, BH, 04.11.78*

Pomba poema é obra do verdadeiro cata-guesa, como dizia o Sousândrade. Constelação mallarmáica suspensa na ponte metálica sôbolo rio fluindo e jorrando na folha branca que você povoa de gente, história. Minas, atas das catas e dos ases e asas de Cataguases. Os outros rios se encontram na foz do meia pataca no pomba, e você é universal na tua terra.

**Angelo Oswaldo**

Secretaria de Estado da Cultura, BH, 29.02.2000

Parabéns pelos 40 anos

do seu singular

e marcante

*pomba poema*

(talvez o seu melhor poema!).

Nele, palavras (versos ou não-versos)

espraiam-se nas páginas

*iconizando* o rio Pomba & a cidade

(a verde-vanguardista Cataguases)

numa espécie de processo verbal:

descascamento

aprofundamento

do tema-poema.

O poema "acontece" e se tece

no centro

(curso d'água que corta a urbe)

e nas margens

(lugares e memórias)

da linguagem-paisagem.

E ainda mais:

o poema se enquadra  
na tradição-viva de outros rios-poemas  
(como os *cabralinos*, por ex.)  
na poesia brasileira  
e, até mesmo, na internacional,  
(lembro aqui as águas do Sena  
correndo sob a "Pont Mirabeau" de Apollinaire...)  
*pomba poema* é, a meu ver uma "referência"  
em meio à melhor poesia mineira e brasileira.

Carlos Ávila

*Poemail de BH, 11.09.17*

## ***minas em mim e o mar*** ***esse trem azul/1999***

Trechos do que se disse

Leitor também de Joyce e cummings soube, assim, o autor de *minas em mim e o mar esse trem azul* incorporar estas seletas matrizes literárias e criar uma obra pessoal, *making them new*, como prescrevia Ezra Pound, para citar um escritor de sua afinidade. Temos, então, neste livro, um poeta que esculpe na música das palavras de recorrentes versos aliterativos, com um raro domínio de ritmo, um rio Pomba, outros rios e um mar que são ainda Minas, como no poema feito em Paris: "vem e vai um vento/ sopra e sai um som/ do sena/ e minas está aqui/ imperturbável" ..

Marcus Vinícius Quiroga

*Panorama - Jornal Literário Rio, 09.1999*



Na minha leitura, a marca mais nítida nos livros de Ronaldo é o fluir do tempo, o ir-se desmedido, e uma visão estroboscópica do mundo e das pessoas. Em *Pomba Poema*, o tempo é “fleuve impassible” , o rio que passa e não pára de passar, por onde desce o barco ébrio do poeta com uma câmera na mão. E os canhões de luz da memória e da emoção acendem os pequenos nichos e palcos nos quais a crônica da cidade e de sua gente é mostrada como num filme sem roteiro. Em *Minas em mim e o mar esse trem azul* o tempo ronaldiano afinal se empoça na grande massa mineral da eternidade. Não flui mais, apenas pulsa, sempre recomeçando seu movimento parado. Asconflux. E a quilha do poeta “éclate” e ele soçobra “en questo mare” .

**Francisco Marcelo Cabral**

*Rio, novembro de 1999*

Ronaldo Werneck al mare: Minas em mim e o mar esse trem azul é seu novo livro. Título e textos bem livres, leves e soltos, como uma onda no mar. Uma reedição caprichada de Pomba Poema e muitos versos novos, inspirados em vários rios e mares, que podem todos desaguar no Rio Pomba. Pomba Poema contém, entre outros méritos, o de ser anterior a Inexílio, de Francisco Marcelo Cabral. Ambos tendo Cataguases como tema. No caso, o aluno falou antes do mestre, que o aprovou. Ronaldo é também mestre. Agora, na parte inédita de Minas em Mim, solta as velas e aporta em praias de acesso restrito, como as de Mallarmé, Pound, Ungaretti e muitos outros. Uma espécie de releitura da poesia, desde Homero e os chineses, sua escrita flui com facilidade. Mais ainda quando ele conhece o mapa dos poetas que lhe orientam.

**Antônio Jaime Soares**

*Jornal Cataguases, 29. 09.1999*

Ronaldo, acompanhei água mansa, volteios, reflexos, onda, quietude, silêncio, dores, reminiscências, amor, histórias nos rios e mares dos poemas, correndo e desaguardo no corpo visual do texto,

belissimamente construído em campos de metáforas, sinestésias, aliterações, anáforas, elisão, epítetos e tudo mais que houvesse de recursos estilísticos para romper seu coração. Sua poesia, que nos suga e seduz, é a da palavra, posta a serviço da própria palavra, recriando uma outra – sua metamorfose. O código decifrador é a lírica memória, a densa memória de Cataguases, com sua gente, seus trastes, suas coisas doidas e divinas, O canto épico de “O mar em mim” , onde as aliterações e as anáforas se sucedem com ímpeto e intensidade luminosas, expressam a estrutura rímica que vai ordenar a rítmica para traduzir a água e seu movimento..

**Lina Tâmega Peixoto**

*Brasília, 28.10.1999*

A extrema riqueza léxico-formal deste poema, com seu enorme espriamento em várias direções, não apenas representa uma “aventura de palavras” , mas se realça de uma meditação que percorre praticamente todos os lugares da aventura humana do poeta, seja no Brasil, na América ou na Europa. Assim, o poema adquire um aspecto universal, fazendo de Cataguases quase unicamente o ponto de partida para o mundo que o poeta descobriu fora da terra natal, mas sobretudo dentro de si mesmo. A obra poética de Werneck atinge, desse modo, um alto grau de expressividade e maturação, colocando-o entre os melhores poetas contemporâneos.

**Fernando Py**

*Tribuna de Petrópolis, 30.09.2001*

Estimado Ronaldo Werneck, passei com você pela rota Cataguases (Rio) Paris e senti a inteligente e agradável companhia intelectual que me proporcionou. Quanto a Cataguases, eu também desfruto de grande afeto com ela, não fosse apenas por ser terra de Rosário, meu padrinho de casamento. Você me fez lembrar de velho ditado: “Conheça bem

sua terra e conhecerá o mundo” . É invejável seu afeto por ela, tão sugestiva me pareceu nas várias vezes que aí fui. Li o livro com alegria e desfrute de prazer de conhecimento, convívio e informação. Abraço de admiração do seu velho,

Affonso Ávila,

*BH/01.08.2011*

## *revisita selvaggia/ 2005*

Trechos do que se disse

*Ronaldo revisita Werneck Selvaggia*, com o nome do autor alçado e assumido como título, é, de forma selvaggiamente cabal, a edição da obra do jovem Werneck, à qual se agregou, para torná-la, de fato, completa, o posterior relatório de viagem, pela mesma topografia humana, do experiente aventureiro Ronaldo. Lê-se aqui os poemas que Werneck escreveu. E mais: as intensas e diversificadas experiências de vida que tanto sensibilizaram Werneck que, com o passar do tempo, acabou se aninhando na maturidade de Ronaldo. Paixões, preferências, referências e influências assumidas com todas as letras, em todas as línguas, em todas as artes, em todas as épocas – o que acaba desenhando uma espécie de sudário profano – efigie intelectual do poeta.

Alcione Araújo

*Rio, 2004*

Você não se cansa de me surpreender com essa sua polissemia, polivalência, politalento. Que excelente poeta você é, cara, e que cronista. Eu queria dizer o quanto curti o privilégio de conhecer sua

cidade com você, através de sua leitura amorosa, sensível e reveladora, o quanto mergulhei num passado glorioso que mal vislumbrava à distância.

**Zuenir Ventura,**

*Rio, 2005*

Pós-moderno é Ronaldo Werneck, que em 1976 lançou a primeira edição, agora revisitada, deste *Selva selvaggia*. Tarefa insana seria tentar firmar as referências de sua arte, pois onivoramente o poeta constrói seus textos, cujo resultado é como um sofisticado molho que leva inúmeros condimentos, mas de tal forma que o sabor final, embora saiba a cada um deles, torna-se num outro, único e indissolúvel. Ele se forma claramente entre as hostes dos barulhentos bárbaros que questionam o estabelecido, que se rebelam contra o antigo, que se batem pelo novo. Nesse sentido, é no “pensamento concretista” que ele se radica – não no concretismo, mas na “tradição concretista. O autor salpica ali e aqui predileções, mas, sabiamente, nós, os leitores, devemos desconfiar de tamanha generosidade. Isso porque se nos deparamos num poema com ecos (evidentes) de Mallarmé, noutra ouvimos (distante) escansões de cantigas de ninar, espriadas numa mágica infância.

**Luiz Ruffato**

*Jornal do Brasil, Caderno B, 15.09.2005*

A poética werneckiana, além de incorporar uma profunda relação metafórica com o cinema e o vídeo, assimila os recursos de dois universos aparentemente antagônicos, mas que sob sua pena se complementam simbioticamente – a tradição e a vanguarda. Com “Selva Selvaggia” revisitada, RW oferece um painel bastante peculiar

de sua heterodoxa oficina criativa, que não envelhece, senão assimila novos parâmetros, sobretudo do mundo tecnológico e da comunicação on line que possibilitam levar a arte de qualidade cada vez mais longe, diminuindo o fosso entre a civilização e a barbárie.

**Ronaldo Cagiano**

*Correio das Artes, João Pessoa, 05.11.2005*

*Caderno Pensar, Estado de Minas, 19.11.2005*

Ronaldo: só agora – janeiro – posso sentar-me para agradecer e “revisitar” Cataguases e sua atmosfera. Com que alegria reli sua obra já extensa e de bom peso. Infelizmente, estou dentro ainda da fumaça de um derrame e é difícil sair deste buraco! O que fiz, no entanto, pela clareira aberta de sua luminosa arte de compor. Obrigada, sempre. Laís, pelo Affonso também.

**Laís Corrêa de Araújo**

*Belo Horizonte, 11.01.2006*

## *noite americana/ doris day by night/2006*

Trechos dos que se disse

De repente, Ronaldo Werneck, o poeta de *Selva Selvaggia*, se torna um farol na beira do caos do *bas-fond*. É ali que o poeta refunda o seu reino, entre suas deusas feitas de álcool e de absinto. Ainda se ouvem ao fundo as sereias do Rio Pombo, na sua Cataguases mítica, cujo Virgílio da nova (nem tão nova) geração é o poeta Rosário Fusco, numa invocação que é um primor de ironia *made in* Minas Gerais. Mas a nova paisagem de Ronaldo Werneck é povoada por musas que revoam nos

inferninhos ou paraísos artificiais de Copacabana. É extraordinário como esta poesia que se deseja descarnada, despojada dos ornamentos-clichês, detona a emoção precisa de cada momento vivido nos cabarés de Copacabana. Que, ao final da viagem, se transforma numa *Coney Island of the Mind* – ou, se me permitem uma tradução datada e circunstancial, no Tívoli Parque da imaginação. E lá, nessa paisagem encantada pelos versos do Ronaldo, cada uma dessas putas, cada um desses vadios terá direito a cheirar sua dose de éter em pétalas de rosa, como se cheirava na *Belle Époque*, e conquistar a sua *prise* de eternidade.

**Geraldo Carneiro**

*Rio, 2005*

Continuo achando que a síntese do livro, como experiência, pode estar nos "versos": *na alvorada/ um/ jongleur/ levando/porrada/ de si mesmo*. Lindo o poema do galo e *meta-poema* com o seu título polissêmico (Fusco em Carta de 1949 me dizia, "trepe, meta como vocês dizem em Cataguases" ). Posso citar uma porrada de grandes momentos do livro em que sinto uma sensualidade concreta, não romântica, mas às vezes perpassada de um lirismo solidário com o brilhos falsos das noites falsas.

**Francisco Marcelo Cabral**

*Rio, 2006*

Noite americana é o artifício cinematográfico para filmar a noite durante o dia. Doris: DAY, personagem de nome fictício, uma prostituta. Espécie de heroína, dá ao livro ares de epopeia pós-moderna. A forma, neste e nos demais livros de Ronaldo Werneck, traz reflexos concretistas e do movimento poema/processo. Também há poemas com versos em suas sequências tradicionais lineares, poemas líricos. Na distribuição de versos pela página, na utilização de tipos gráficos diferentes e de

espaços em branco, operando variadas combinações semânticas ou em versos lineares, permanece sua poética, seu estilo. A obra de Ronaldo Werneck desafia o leitor a buscar os sentidos possíveis de seus poemas bem à moda de Mallarmé que dizia que "um poema é um mistério cuja chave deve ser procurada pelo leitor".

**Elaine Pauvolid**

*Prosa e Verso, O Globo, 2006*

Ronaldo: obrigadíssimo pelos livros, que já comecei a ler, absolutamente maravilhado com teu talento! Para ficar apenas com um exemplo, "deo gratias", do livro "Noite Americana", com suas "veredas de veias avariadas" é antológico! Grande abraço do fã

**Moacyr Scliar**

*Porto Alegre, 2007*

Este rigor poético de quem quer colocar programaticamente o poema colado à poesia, o verso colado à vida, não poderia prescindir do olhar para o erotismo e para a boêmia, como há em *Noite americana/ doris day by night*. O erotismo cola-se à poesia como origem e fim; e talvez seja a melhor evidência de que o discurso poético não se submete às regras da representação literária. Até que o livro de Werneck brinda algum possível leitor-voyeur com deliciosas imagens, mas esse voyeurismo é cindido: a noite, o gozo e o prazer dramatizam-se no limite do ser. Gozo, riso, beijos e cheiros noturnos se sucedem *pari passu* com a fruição da leitura poética, em idas e vindas dos versos e das datas, Nelas, poeta e leitor quase viram companheiros a compartilhar mesas e *moças* em ruas da Lapa, galerias de Copa. Digo quase porque um detalhe tensiona essa troca entre o leitor e o poeta: o acaso é urdido num profundo jogo referencial e imagético. O resultado poético é a curtição que desloca a perspectiva moralista, ao fundir a opção pelo jogo verbal (muitas vezes poliglota) com a vocação lúdica para a vida.

Alexandre Faria

*Suplemento Literário Minas Gerais/BH, 2007*

Mas como gostei disto, caramba, que só poderia ter sido escrito por alguém vidrado em imagem, como você, trecho dotado, também, de uma sonoridade e de um final de que só à palavra, mesmo, seria possível: *Click / o olho-lente / flagra / num fragmomento vivo / o flou / o fluir do lascivo / o tempo / por trás / de cada / máscara // – fábrica de requintes / o olho câmara / clean / clown / click / enquadra / o avesso /vão/da vida. Já isto, do poema *A Morte é Bailarina*, me parece antológico, muito seu, pois rico em referências cinematográficas, que vai direto pro “All That Jazz” , que termina no Bob Fosse, o homenageado, com a Morte personificada na dança final do filme dele: *antes que em dobro o sino dobre/ aqui jaz all that jazz // bye-bye / vida veloz e franzina / fosse / ou não / fosse / a morte bailarina. Em “Baixo Copa” há outra imagem soberba, bem à sua maneira, oriunda de uma fusão da cantriz Doris Day com “Night and Day” , filme e música, num flagra bem Lautrec, bem absinto de Degas: *Sobre doris / day sim / day by night / só-só sob a solidão / do spot-light.. Para finalizar – porque já mostrei mais do que mostraria um trailer – mais uma belíssima imagem, no “daylight” : *Netuno / expulsa do azul um cisco / um peixe / que pulsa / arisco / & espadana / pleno / de nada/ & alvorada.****

W. J. Solha

*João Pessoa, 2013*

Acabo de receber "Cataminas" e "Doris". Você está virando o poeta mais sacana de nossa poesia, indo além do Bernardo Guimarães com esse "ELIXIR" de Copacabana. Coisa de doido, sô! como dizia o Helio Pelegriño! No mais é província ideal fluindo dentro de nós. Abraço,ars.

Affonso Romano de Sant'Anna

*Rio, 2014*



Em ti nascem palavras como folhas em troncos desnudados  
palavras sons risos solfejos  
gotículas de nectar qual zumbido de insecto  
em corola de flor  
contas de rosário em mãos de peregrino

em ti nascem palavras que são murmúrios de rio  
seixos cor-de-fogo em margens de primavera  
aroma de pinheiro exuberante e puro  
resinoso e sagrado como nos primórdios da humanidade

em ti se respira o latex do poema  
o mastigar da palavra  
qual nenúfar a desabrochar  
sobre as águas cálidas de um lago

para Ronaldo Werneck, de **Olinda Beja**  
*São Tomé e Príncipe, abril 2007*

## ***minerar O branco/2008***

Trechos dos que se disse

Ronaldo Werneck foi um dos poucos poetas de vanguarda a lançarem mão do lirismo, contrariando, com este procedimento, o discurso impessoal da Poesia Concreta. Nem por isso, porém, ele deixou de ser um beneficiário direto das importantes conquistas poéticas de Augusto, Haroldo de Campos e Décio Pignatari. Das vanguardas, Ronaldo Werneck soube extrair os muitos recursos que elas acrescentaram para uma melhor performance do poeta diante do poema. Isto, porém, sem

abdicar do seu lirismo inato, orgânico, visceral. Circunstância que sempre o individualizou e o distinguiu no contexto das vanguardas e fora delas, conforme ratifica este excelente *Minerar O Branco*.

**Sérgio de Castro Pinto**

*João Pessoa, 2007*

Ronaldo Werneck reúne em *Minerar O Branco* trabalhos que tecem a mais fina estampa com o ideário da poesia de vanguarda, sobre o qual construiu sua identidade literária. Se os acasos da roda viva levam Ronaldo a Veneza, a Paris e induzem a flagrar o Rio como “esse caos coalhado de caos”, uma irreprimível pulsão de pretérito o devolve para “dentro da minas noite menina/ cristal de sonho arisco”, onde ainda respira uma terna lembrança de seu pai que “prima pelo primário” mas é “plus que ordinário, superior Hisbello” – e a cerimônias de gratidão aos seus mestres, Rimbaud e o mar à frente, depois Maiakovski, Humberto Mauro e Ascânio Lopes, poeta cataguasense tema de um dos excelentes trabalhos do livro, iniciado com este admirável octassílabo nada livre: “ressurge ascânio estranho e triste”. São textos que têm a dignidade de não cortejar o mistério, embora o mencionem. Não há um sentido das coisas, há uma deriva de experiências a escoar-se pelo papel. Nisso a retórica vanguardista de Ronaldo Werneck é incomparável. Destituído o verso, entram em cena os jogos verbais com paronomásias em cascata, desmonte silábico dos vocábulos – ludismo cujo destaque é o corte que estipula no branco da página a dicção do olhar, se podemos falar assim. O resultado é como se Minas e o resto aparecessem, transcriados, em fragmentos refratados num espelho cubista.

**Jair Ferreira dos Santos**

*Rio de Janeiro, 2007*

É irrefreável, efervescente, pós-moderna, eivada de oxímoros, que surge para o leitor a poesia de Ronaldo Werneck neste seu novo livro: *Minerar O Branco*. Tal é a serena inquietação, se pudermos utilizar estes opostos reunidos, do seu fazer poético. A poesia de Ronaldo Werneck é antes de tudo uma poesia inteligente, enriquecida por rara sensibilidade, alegria, vigor, beleza. Poesia substantiva, que não carece de ornatos. Poesia que estilhaça a realidade para recriá-la mais verdadeira dentro de uma nova ética e estética, quebrando e alterando velhas estruturas linguísticas convencionais. Inovadora, seu conteúdo inusual revela o sonho poético exaustivamente trabalhado pelo Autor. Caracol entre montanhas, entre mata e asfalto, assim vai a vida por um cio, a vida-poesia do poeta. Ronaldo Werneck é igualmente um ás cataguasense e do Brasil, poeta-dragão, cheio de escamas e arestas, puro arpão. É na palavra poética, parece dizer Werneck, que a vida se mantém. Perenemente amuralhada. Forte igual muralha e evolada asa.

**Olga Savary**

*Rio, 2008*

Acho que foi Mallarmé quem disse que os poemas são abandonados. Porque inacabáveis. E você, especialmente, é um poeta de reverberações e estilhaços, de poemas que se espraiam em todas as direções, como água atingida por uma pedra. Como os dar por terminados? Seu novo livro reitera seus estilemas, suas virtualidades, suas virtudes. Mostra você minerando sua poesia extremamente sonora; vê-se que você principalmente lê o que escreve, explorando os silêncios que se formam nas pausas da leitura como engastes das palavras. E eu sei do cuidado com que você os constrói fisicamente, reescrevendo-os a cada prova tipográfica. Um poeta em permanente ato de criação e recriação. E recreação, espero. *Ut delectat*, na lição de Rodolfo Agrícola, que Pound repete no seu Canto LXXXIX.

**Francisco Marcelo Cabral/ Rio, 06.03.2008**

Eu garimpo Ronaldo/ mineiro Werneck/ de palavras gerais/ essenciais/  
no discurso nu/ de quem apalpa o mundo/ e se reveste de sons/ &  
cores & dons & amores/ e/ou estupores/dia & noite mineirando/ no  
deck da viagem bandeirante/ ronaldo nu branco/ desespera/ de  
mandjaku branku/ que texto prometeu e adormeceu/ tudo grogue  
(desconfiai)/ tudo palavras (desconfiai)/ fios que deslizam desde/ as  
ideias até a um fundo/ que aprofunda o mundo/ por dentro do vulcão/  
é difícil amar sem luta: coincidência/ sobreatlântica desde as minhas  
ilhas/ às ilhas de minas onde ronaldo escava/ sílex e sílabas & sinais/  
palavras-minério no mistério dos sais.

**Nuno Rebocho**

*Cidade da Praia, Cabo Verde, 05 Junho 2008*

*Minerar o branco* ficará entre as surpresas de boa leitura nos últimos tempos. O que nos espanta em Ronaldo Werneck, na busca interminável da expressão poética, é sua capacidade de ventilar o texto com o seu poder de criação, único, festivamente original. Quando já envelheceram, pela exaustão, os signos gráficos jogados sobre a página branca, à procura de motivação visual, quando tudo denuncia fadiga, tautológica, tediosamente repetitiva, eis que Ronaldo Werneck abre os salões da inventividade, indo às fontes memorialísticas. Como de costume, ele arma a orquestração verbal e gera a própria mitografia, a vertente dos poemas. As palavras ajeitam-se em forte expressão lírica e os poemas agregam tópicos da literatura em espanhol, em inglês, em italiano, em francês coloquial ou arcaico, sempre sedutores cintilantes. Transbordam de significados. Tal é, em síntese perambulante, o novo percurso de Ronaldo Werneck. Este, uma vocação, uma carreira, um destino para a poesia. Viaja sempre, pelo mundo natural e imaginário, sem deixar de ser poeta em nenhum instante.

**Fábio Lucas**

*Jornal do Brasil – Ideias – Rio, 20.06.2009*

Ronaldo Werneck entrou para a primeira linha dos nossos poetas com o cine-poema *Selva selvaggia*, de 1976, seguido de *Pomba poema* em 1977 e *Minas em mim e o mar esse trem azul*, de 1999. Exuberante seguidor das modernidades da época, Ronaldo se mostrou dos melhores conhecedores dos truques de Pound e Cummings, da poesia em fatias finas e predominantemente associativas. Seu novo livro, *Minerar o branco* (artepaubrasil, 2008), tem capa virginalmente branca, sem títulos visíveis, mas lá dentro a mesma ebulição de palavras, a riqueza mega-sênica de temas que se despejam no escoadouro das mais intrincadas peripécias e extrapolações linguísticas, cedendo à força magnética e gravitacional da palavra-puxa-palavra.

Ivo Barroso

*Gaveta do Ivo - Rio/16.10.10*

## *cataminas pomba* *& outros rios/ 2012*

Trechos dos que se disse

Este é mesmo o imaginário das águas, nascido de todas as palavras que, no leito das vozes, tremem, vibram, se chocam, se confundem, se amam. Ronaldo Werneck rompe os nervos das palavras e os engata em outras para criar sua linguagem literária, a que serve à figuração do passado, em sua contradição no tempo presente, às amarras do amor e das sombras da infância que refletem sua memória. A posição de Ronaldo: o estar dentro de Minas e de Cataguases representa o símbolo em suas três dimensões: a de ser ele um poeta cósmico, aberto aos signos do mundo, a de ser onírico, mergulhado em seus sonhos e a de ser, enfim,

poético, no emprego da linguagem mais luminosa e abstrata em sua concha concreta .

**Lina Tâmega Peixoto**

*Brasília, 2011*

*Cataminas* é livro-poema, documentário, registro, repositório cultural, acervo pessoal que Ronaldo Werneck oferece ao público. O livro reúne poemas leves, mas não menos profundos, musicados, ritmados e sensoriais, em que se lança mão da tipologia e da formatação ao estilo de e.e. cummings: não basta a palavra, mas a força da letra e o espaço em branco que a espalha. Às bordas do Tâmis ou do Arno, Ronaldo Werneck observou seu mesmo rio cingindo a cidade ao tempo que unia o povo em suas margens. Margens que separam e cerzam o povo: *olha cá meu senhor/ sem o sol de rimbaud/ o oise é um rio/ francês de cataguases..* Hoje a história passa na internet feito corredeira, onde os poucos itens das retrospectivas anuais determinam o que devemos lembrar de cada ano, seja no Brasil ou no mundo. Talvez seja preciso voltarmos à tesoura e à cola. Para separar o que nos é essencial, guardar o que nos define e comove. Talvez por isso a necessidade de Werneck de fazer esse livro-guia-poema-fotografia. Se não fizermos como Ronaldo, escrevendo, compondo, tecendo as histórias que nos caracterizam, se delegamos o registro do essencial àqueles que não se sensibilizam com memórias pessoais e comunitárias, a sentença é a mesma: o que não for selecionado será descartado no rio de *bytes* da internet. Atirado do alto da ponte da tecla *delete*. Feito água de rio, não volta nunca mais” .

**Paula Cajaty**

*Jornal Rascunho – Curitiba, abril 2013*

Como diz o Manoel de Barros, numa das inúmeras epígrafes do livro:

“Imagens são palavras que nos faltaram. *Cataminas pomba & outros*

*rios* tem a beleza extra de muita, muita fotografia de Cataguases e de sua gente, o que, com o que afirma Fábio Lucas – seu ritmo é cinematográfico – mais o fato de que o poeta é apaixonado pelo cinema, me fazem ver, nele, por um momento, um belo roteiro devidamente ilustrado com todas as suas locações no tempo e no espaço. Por que, então, se não lhe faltavam engenho & arte, Werneck não fez um filme? Porque, parafraseando Manoel de Barros, palavras são imagens que nos faltaram. Como quando o mesmo Werneck, genialmente, diz: “Pressinto/ cabreiro/ com horror/ que estou/ numa cidade/ do exterior/ mineiro. Ou quando descreve Ouro Preto: “chove sobre a cidade encarcerada em sabão e pedra” , finalizando assim: “chove água que escorre sobre o ouro dos pretos e leva sua memória” . Não “lava” , como seria de se esperar. “Leva. Fluem, assim, os versos de Werneck, sobre o rio que cruza Cataguases “correndo corroendo/ um século em cada minuto” . “Correndo corroendo” . “A preta prata madrugada” . “Gretas grutas” . Nesses desdobramentos de palavras ele mostra o quanto cuida de cada detalhe do que compõe, quase como um outro grande mineiro, Guimarães Rosa, mas empenhado na multiplicação dos enfoques, como os cubistas faziam, trabalhando sempre com vários ângulos simultâneos, como numa quarta dimensão. Cinema? Quase. Veja a decupação que ele faz desta cena: “O rio envolve/ esse tropel de burros/ bicicletas/ meninos soltos/ no pó/ no pé descalço/ nos galhos/ pendurada no ar/ nas árvores” . Mas aí se segue o pulo do gato: “a poesia / se desmanchando/ se amarelando/ se dissolvendo” .

**W.J. Solha**

*João Pessoa, 2013*

# *o mar de outrora & poemas de agora/ 2014*

Trechos do que se disse

Ronaldo é um poeta sem medo dos outros poetas. E faz uma apropriação dos textos que mais o emocionam, num processo criativo de desafiadora originalidade. Podemos lembrar Pound, mas Ronaldo não cita Rimbaud, Mallarmé, Valéry, Eliot e outros, cujos versos transcreve *ipsis litteris*, nem os processa ao modo de palimpsestos, como simples resíduos de textos conhecidos. Ele trata esses textos como destroços flutuantes de um grande poema-mar universal e único, que a eternidade progressivamente elabora, desfazendo contornos gráficos e autorias. A emoção que esses transcritos traduzem é a de Ronaldo. Mesmo porque esses textos não estão plotados nos poemas-fontes da mesma forma e com a mesma inter-relação de contiguidade e sequência com que Ronaldo os re-edita em seu poema. Os rios correm para o mar, mas não fazem o mar.

**Francisco Marcelo Cabral**

*Rio, novembro de 1999*

O seu mar é como o céu de Ma(r)llarmé: palavras cridas pelas espumas à maneira das constelações. Você em vida realiza o sonho póstumo da poeta portuguesa Sophia de Mello Breyner Andresen: *Quando eu morrer voltarei para buscar/ Os instantes que não vivi junto do mar*. Mar de outrora, aurora de ouro dos poemas de agora, de mim/Minas, do Pomba, de Mar de Espanha, que as ninfas e sereias o acompanhem sempre, iluminando a nau da poesia por mares nunca navegados.

**Angelo Oswaldo**

*Ouro Preto, 15.11.2014*



Queridíssimo poeta, naveguei por versos nunca antes navegados e senti na pele e na mente a força do seu sempre renovado talento. No momento, voltando de curtíssimos dias de filmagem (estou fazendo um doc sobre o pintor Cícero Dias, o grande modernista) em Paris, onde deparei-me navegando o Sena com o óbvio, ou seja, um *Bateau Ivre* ali ancorado. Agora procuro um lugar do filme, entre as genialidades do Cícero, para colocar uma citação do velho Rimbaud, e veja a coincidência: chego em casa e encontro o "Mar de outrora" à minha espera. Obrigadíssimo, querido poeta. Estou cercado da melhor poesia.

**Vladimir Carvalho,**

*Brasília, 16.12.2014*

Mais uma vez você me surpreende e aturde meus sentidos. E mais uma vez, o mar volta a ser o traço simbólico do seu eu-poeta. O mar e o barco, elementos oníricos, embalam e metamorfoseiam a realidade, levando a um mover do devaneio que abre um infinito de lembranças.

A composição de assonâncias e reiteraões que se referem ao mar e ao barco carregam o fio condutor do discurso, isto é, o mar, em suas conceituações simbólicas de retorno a si mesmo, com o passado tomado como presente eterno no comando da jornada poética por meio da expressividade estilística de sensações, impressões e experiências, que servem para estruturar o corpo do poema. A leitura dos poemas, assim, se assemelha a laços de palavras, enrolados como espumas nas ondas que fixam a forma dos versos, jogados nas páginas como marés de sons, ecos luzes e cores.. A segunda parte da obra, *Poemas de agora*, são de uma densidade lírica de rara beleza.

**Lina Tâmega Peixoto**

*Brasília, janeiro de 2015*

Querido amigo, a gente sabe que muito em breve só os livros objeto-de-arte sobreviverão. O seu é um deles. Sua linguagem literária, somada à fotográfica da coautora e companheira Patrícia, compuseram uma duradoura obra-prima. (Redundância, não?). Você e eu, pessoas de terras órfãs de mar, sofreremos sempre a nostálgica atração das águas salgadas. Em meu livro *Rasos d'água* tenho o poema Mar, incansável mar, que foi traduzido e publicado na respeitável revista norte-americana Catamaran. Mas ele é um bem comportado olhar sobre a natureza, sem a amplidão e grandiosidade do seu, que incorpora todos os recursos contemporâneos, modernos e pó-modernos, e a subjetividade pessoal com muita ousadia e arte. Embora já aprecie sua poesia de longa data, o livro atual foi o que mais me cativou. Obrigada pelos magníficos momentos de fruição.

**Astrid Cabral**

*Rio, 20.06.2015*

Ronaldo caríssimo, finalmente chegou-me às mãos a sua última preciosidade, *O mar de outrora & poemas de agora*. O que posso lhe dizer, na verdade apenas reiterar, é que você continua sendo de longe um de meus poetas preferidos neste país. E cada vez melhor.

**Lauro Moreira**

*Taubaté, 22.09.2015*

A liberdade do voo-em-águas verbais que move a escritura de *O mar de outrora & poemas de agora*, de Ronaldo Werneck, é liberdade obtida da alquimia entre elementos líricos que sustenta uma identidade literária fluida, em transe-trânsito, nunca-pedra. O mar de palavras de Werneck bate e rebate. *Ondifica-se* e estoura adiante, ontológico em sua antologia de si, pelas cidades, ao léu do mundo. Camões é acompanhado, nessa *poépica* que apreende seus afluentes pelo caminho, de Camus, Mallarmé, Haroldo e Augusto de Campos, Mário

Faustino, Ezra, Jorge de Lima, Leila Diniz... Navegante, é o *eu* que se solta e se retrai entre ondas que o levam e retrazem, retratando-o no espelho-monte imenso de águas, em enunciação: *vaga aqui na mesa onda que entorna / e escorre grave onde escrevo mar. É orfeu / que emerge / odisseu à tona.* À vida racionada que flagra de Nova York (*do alto do império são formigas / as gentes grandes carros de brinquedo*), o poeta contrapõe a liberdade em périplo, o que faz retomar, afinal, o mar *indefinido* que não ousa abandonar. Cosmo e caos dialogam, portanto, em um sussurrar imbricado, pelo oceano literário de corpo criativo próprio, lúdico e assumidamente híbrido de Ronaldo Werneck. É o poeta e seu gesto audaz, em forma de livro leve, palavra livre, que se bastam.

Zeh Gustavo

*Boletim Leitura/Livraria Cultura, São Paulo, 2015*

Poeta de textos rápidos, instantâneos, fragmentários e, às vezes, simultâneos, Werneck é, dono de um trabalho virtuosístico em cima da palavra. Depois de deglutir toda a experiência poética do século 20, é hoje um dos poucos poetas brasileiros capazes de recorrer a todas as formas possíveis de fazer versos para expressar o seu testemunho de um mundo desgovernado. É o que se vê em poemas como "23.10.13": *hoje tenho setenta/ e de novo e sempre/ a vida me inventa/ aos setenta e a cada dia vírus que me adentra tomado sou pela poesia.* Como se percebe, O mar de outrora & poemas de agora resulta do deslumbramento do poeta pela vida e um balanço de seus setenta anos, a partir da infância em Cataguases, a atração pelo mar tão distante, a vida errante pelo Rio de Janeiro, Bahia e as viagens pelo mundo: Paris, Nova York e Barcelona, até o retorno a Cataguases na idade madura.

Adelto Gonçalves

*Pravda.Ru/07.04.2016*

# *momento vivo/ 2019*

Trechos do que se disse

Werneck, caro,

Alegra-me receber, publicados pelo jornal *Cândido*, de Curitiba, quatro poemas seus que fazem parte de novo livro. O primeiro, "Diz-que Noé/ diz-que Baco", assim que bati o olho, falei, é uma marchinha de Carnaval. Claro, mexendo aqui e aqui, para aproveitar o que cabe numa canção momesca. Me fez lembrar o saudoso Braguinha. Tem graça, espírito, irreverência. "Quatro da manhã" é um poema duro, estampa o extremo desamparo de todos nós, na miséria da condição humana. Verso poderoso é "uma lua esqualida pendurada na escuridão". O terceiro, "On the road: tempespaço", sob o signo da velocidade inútil, dialoga, com o quarto, "A lágrima do morto", faz um contraponto com o nada. Do que é irreverente, leve, brincalhão, você chega ao que nos confronta com nossa precariedade. Parabéns.

**Valdomiro Santana**

*Salvador, 11.06.2018*

*Professor, historiador, Doutor em Literatura*

Três mineiros que sempre me impressionaram pela poesia produzida e pela dinâmica intensa de suas vidas: Affonso Romano de Sant'Ana, Ivo Barroso e ...Ronaldo Werneck, poeta de Cataguases que lançou no mês passado seu novo livro – "Momento Vivo" (*71 poemas favoritos & 21 novos*) em três cidades chilenas, dentro da programação do "5to. Encuentro International de Arte y Poesía Navegando Cielos del Mundo", e também em Lisboa.

Não por acaso, a resenha que fiz de um de seus volumes anteriores teve o título de "Sobre Ronaldo Werneck e A Moveable Feast". Há muito

de vida, arte, bons vinhos e viagens em seus poemas. Tanto em Minas – “esse mar de morros” –, como em Londres – “o sol no hyde park” , como nas “tortas trilhas toscanas” , “on the road: tempespaço”, ou a observação de que “do chão de Casablanca brotam les roses-au-sable” , etc, etc.

Em meu novo livro – “Vida Aberta” – descubro que “em arte, o todo é sempre menor do que sua melhor parte” – e dou o exemplo de Rodin, cuja obra-prima, O Pensador, não é nada mais do que a ampliação do Dante (na verdade, um autorretrato) que ele pusera acima de um bronze multitudinoso, “O Portão do Inferno” .

Na minha opinião, isso ocorre com este livro – “Momento Vivo” – no poema “viajor” , que começa com estes versos: “é revendo que se aprende/ se apreende uma cidade” e, depois de enumerar lugares como Bruselas Amsterdam/ Munich Moscu Tenerife / Ginebra Madrid / Casablanca Roma / Paris Dubai Estambul / Londres Ibiza Nantes / Oran Sevilla / Marrakesch Argel / Bilbao Granada, termina dizendo: “pra onde eu vou/ enfim/ eu não sei/ que sei eu/de mim” .

Esse poema vem com a data “Firenze-Barcelona, maio de 2018” .  
Embarque nessa.

**W.J.Solha**

*Poeta, romancista, artista plástico*

*João Pessoa, outubro de 2019*

Caro poeta e amigo Ronaldo Werneck,

*arcano de 300, 350 voltas, como queria Mário de Andrade.*

Você é o ofuscante sucessor dos Verdes. O rio Pomba abençoa a terceira margem de todos os rios do mundo, na qual tem porto seguro, porto dos diamantes, o seu *bateau ivre*, batendo livre o verso luminoso de cada dia. Com alegria, leio o “Momento Vivo” , cordialmente dedicado, e percebo nessa antologia as variadas dimensões de sua obra. Profusa e sólida, sonora e visual, instigante e desafiadora. Aí está o

"meu" poema sobre Ouro Preto, ao lado de mais 91 que, em síntese, mostram o corpo e a alma do Poeta. Obrigado pela poesia e pela amizade.

Abraço afetuoso do

**Angelo Oswaldo**

*Ouro Preto, dezembro 2019*

ex- Secretário de Cultura de Minas Gerais.

Meu caro Ronaldo,  
recebi anteontem o seu Momento Vivo. Com alegria mas sem surpresa contatei que vosmecê está cada vez melhor! Tive o prazer de reler os poemas que já conhecia e admirava e sobretudo o de curtir os 22 novos, que me encantaram. Moral da história: você é de fato um dos poetas de que mais gosto e que mais admiro neste país. Parabéns e muito obrigado!

**Lauro Moreira**

*Escritor e diplomata*

*Ribeirão Preto, SP, 12/12/19*

Caríssimo amigo:

Terrivelmente belo seu livro. Está tudo lá: o não para a feiura, qualquer ditadura ( a revolução é o não no centro do sim", o poema da Marielle), o sim para tudo que é beleza, afirmação da vida, do prazer, do amor, do sexo, mas sem demagogia, a pura afirmação do viver ("toda vida é perfeita", e isto sem qualificativos). Poderia te citar por várias páginas. Prefiro te lembrar uma citação muito conhecida do Pound: "o poeta é a antena da raça". Você, para mim, é simplesmente a antena da "raça" brasileira, aquele que consegue dar alento num momento tão ruim, ridículo e trágico.

Alguns poemas eu já conhecia, de outros livros seus; outros, os 21 novos, li com delícia. Todos eles com a mesma qualidade de um poeta verdadeiro com sua(s) época(s), com seu país, e sobretudo, consigo mesmo.

Obrigado, poeta.

Com um grande abraço do

**Mário Alves Coutinho**

*Escritor e roteirista*

*BH/21.12.19*

MOMENTO VIVO – “& netuno/expulsa do azul um cisco/ um peixe/ que pulsa/ arisco/ & espadana/ pleno/de nada/ & alvorada/ o sol já nasce/ escarlate/ e outro outubro/ de novo bate – fragmento de “Daylight na Atlântica” , de Ronaldo Werneck, em “Momento vivo” (Ed. Tipografia Musical, de SP). Ronaldo, 76 anos, poeta de Cataguases (terra dos modernistas da “Verde” , entre eles, Rosário Fusco) e do mundo, começou na poesia visual. Também jornalista e crítico, viveu mais de trinta anos no Rio, viajou muito (NY, Europa, América Latina etc.), transitou pela música e pelo cinema (tem um livro sobre Humberto Mauro), gravou CD e editou revistas culturais. “Momento vivo” é uma boa oportunidade de conhecer sua produção (que segue a trilha aberta pelo último M. Faustino); inquieta e muito viva, sua poesia fragmentária se espalha pela página em verso e não verso.

**Carlos Ávila**

*Poeta e crítico*

*BH, 21.12.2019*

Marcela e eu adoramos o livro: "Momento Vivo", é uma biografia sentimental, sensível e inteligente. Poemas com estilos e impactantes, versos de poemas loas a lugares fantásticos e pessoas talentosas, temos a cumplicidade com o brilho de Maiakóvski. A sua poesia meu caro Ronaldo, nos leva de braços dados pelo atalho do êxtase, rumo ao encontro da trincheira mágica do resistir e existir na arte e pessoas.

**Sady Bianchin**

*Poeta, Secretário de Cultura de Maricá*

*Rio, 22.12.19*

## **A poesia de Ronaldo Werneck**

*Angelo Oswaldo*

*Momento Vivo, Ronaldo Werneck,  
Editora Tipografia Musical,  
São Paulo, SP, 2019.*

Sob o título de "Momento vivo", Ronaldo Werneck lança uma reunião de poemas na qual se encontram 71 favoritos e 21 novos. Autor de muitos livros, sempre bem recebidos, e militante incansável da cultura, ele produziu essa seleta a fim de reagrupar num só volume os esparsos que mais o sensibilizam, como a fazê-los renascer junto a uma nova leva para assinalar o brilho e a continuidade do fervor criativo.

Mineiro de Cataguases, o poeta é marcado pelo carisma de uma cidade singular. Nela a criação artística se manifesta, sucessiva e intensamente, desde os primórdios no ciclo do café, como uma profusão de impactos audaciosos e surpreendentes. Daí porque Werneck sabe que o Pomba é mais belo que o rio de Alberto Caieiro, porque nele navegam as pirogas que levam para além do oceano a poesia de Ascânio Lopes, o romance



de Rosário Fusco, a revista Verde, o cinema de Humberto Mauro, o olhar de Francisco Inácio Peixoto, o pincel de Portinari e o risco de Niemeyer. Mas ele também embarca e rapidamente alcança o que está além de Cataguases, como “um só sol de soslaio” no Hyde Park ou no Harry’s Bar, onde “hemingway mais não há e eu só”, o mundo da poesia, vasto mundo onde “me arrisco me arrasto” na dantesca selva selvagem. Sem deixar de pensar no Pomba, o rio poema em que se reflete a constelação de Mallarmé suspensa sobre a Ponte Velha. Sempre a “mineirar em mim”, “nunca sem poesia”. No Pomba, no Rio de Janeiro, no Tejo, no Manzanares, no Tâmis, no Oise ou no Sena, “fio que se pressente”.

Mauro disse que cinema é cachoeira, e Werneck comprova que Cataguases é uma cachoeira de poesia. Sua obra, atenta às múltiplas dimensões do universo poético, inscreve-o entre as estrelas da terra – Francisco Marcelo Cabral, Joaquim Branco, Maria do Carmo Ferreira, Lina Tâmega Peixoto e Luiz Ruffato, impressionante legião de “jeunes gens de Catacazes”, como a primeira safra Verde foi saudada pelo suíço-francês Blaise Cendrars.

O cinema projeta-se de modo marcante na obra de Werneck, tanto por se tratar de um cinéfilo (qualificação pleonástica para um cataguasense), quanto pela riqueza imagética na construção verbal e na ideação do poema. As viagens emprestam seu ritmo trepidante aos versos em trânsito entrecruzado, e a fragmentação confere velocidade e dinamismo ao fluxo da palavra no lance dos dedos e dos dados.

A contribuição de Ronaldo Werneck à poesia contemporânea é de relevante significado. Reveste-se, assim, de interesse maior esse “Momento Vivo”, que vai perdurar na história como um instante pleno de claridade no infinito “tempoema”.

***Angelo Oswaldo de Araújo Santos***

ex- Secretário de Cultura de Minas Gerais.

Querido Ronaldo,

Escrevo para agradecer o envio do seu primoroso e instigante livro de poemas, estou lendo com muito prazer, meus parabéns!

Abraços afetuosos e que 2020 seja melhor do que este ano que está findando!

**Guiomar de Grammont**

*Ouro Preto/ 26.12.2019*

*Escritora, Coordenadora do Fórum de Letras de Ouro Preto*

Beleza, Werneck, é seu livro que acabo de receber. Muito obrigado pela gentileza do envio. Livro de papel, como existe desde 1455, quando o primeiro, a Bíblia, saiu das mãos de Gutenberg. Pouco importa que a materialidade gráfica e tudo que a ela se refere tenham mudado no curso de quinhentos e tantos anos. Papel-olho-tato-olfato. Uma coisa e três sentidos dialogam. **momento vivo** pega esse diálogo para fazer a matéria expressiva de seus poemas em que entram cidades, poetas, músicos, cineastas, arquitetos, relojoeiros, bares, mulheres, amigos... Ora acelerando e desacelerando, ora tantas vezes estilhaçando palavras, imagens, ritmos, espantos, solidões, medos, trocando e trocadilhando essas sensações, com elas falando a sério, com elas brincando. O resultado de um livro tão vivo assim se deve ao fato de ser você também o autor do projeto gráfico.

O poeta e o designer, a corda e a caçamba, a unha e a carne de cada momento vivido. Isso é muito raro. Depois de experimentar o livro, como com ele entraram em relação meu olho, meu tato e meu olfato, fui ao sumário e quando vi nova york, onde estive recentemente, abri na página 207, e lá, no quinto dos oito dísticos, me bateu esta força:

"a noite desce e escorre pelo mundo

nenhum barulho nem tampouco medo".

Vou ler tudo com vagar. Guarde meu abraço amigo.

**Valdomiro Santana**

*Professor, historiador, Doutor em Literatura*

*Salvador, 18.01.20*

Muito obrigado, caro Ronaldo, pelo precioso *mix* antologia + inéditos, que me dará chance de revisitar sua forte poesia guiado pela mão (pelo olhar) do artista. Parabéns, grande abraço,

**Antônio Carlos Secchin**

*Poeta e crítico, da Academia Brasileira de Letras*

*Rio, 22.01.2020*

Assim como adorei o seu livro "Momento vivo - 71 poemas favoritos e 21 novos", que teve a gentileza de me enviar. A edição ficou bonita, caprichada. Parabéns. E os poemas são primorosos. Para leitura diária, a conta gotas. Para degustar.

Com um abraço fraterno,

**Rogério Faria Tavares**

*Presidente da Academia Mineira de Letras*

*BH, 29.01.2020*

Muito bom, Ronaldo.

Abuso do ensejo pra dizer que delirei com o seu *Momento Vivo*, que acabei de ler, encantada. Vou guardá-lo na minha prateleira dos livros pra colecionador.

Queria publicar sua poesia, de novo, na *Revista Eletrônica Germina*. Pra

isso, preciso de até 12 poemas e sua minibiografia atualizada. Até 15 de fevereiro, por favor.

Muitos obrigadas, um beijo!

**Silvana Guimarães**

*Poeta, Editora da Revista Eletrônica Germina*

*BH, 31.01.20*

Caro Ronaldo,

Obrigado por seu "momento vivo". Fui direto às novidades. Gostei muito do "saltam poemas de meus dedos". "onde the road: tempespaço" deu inveja: "a vida vai se esvai indo". O poema londrino também é uma beleza. Enfim, gostei de tudo. Parabéns. E agradeço também pela epígrafe. Como se não bastasse, em tão nobre companhia, o Bandeira e a lápide do cemitério de Cataguases.

Que o livro tenha toda a sorte do mundo.

Grande abraço,

**Geraldo Carneiro**

*Poeta e crítico, da Academia Brasileira de Letras*

*Rio, 11.02.2020*